

## **AÇÃO E MILITÂNCIA ANARQUISTA NAS MANIFESTAÇÕES OPERÁRIAS DE 1917.**

*Kauan Dos Santos.*<sup>1</sup>

Este artigo tem como objetivo mostrar a importância que os anarquistas exerceram por meio de estratégias políticas e de propaganda no movimento operário em São Paulo no ano de 1917. Muitas vezes esquecidos ou nomeados de “pré-políticos” e “utópicos”, é ressaltado a ação destes que construíram e fizeram parte de uma cultura política complexa e ideologicamente justificada. Analisando suas propostas de organização, contestamos as interpretações que pressupõem um modo como a classe deveria ser, distorcendo a experiência prática que os trabalhadores possuíam<sup>2</sup>.

Militantes, muitos de origem estrangeira, mas outros nascidos no país, movidos por ideologias ou correntes políticas, se organizavam para lutar contra o sistema capitalista ou para o melhoramento deste. Entre eles estavam socialistas, anarquistas, sindicalistas ou pessoas que apenas simpatizavam com teorias libertárias. É fato que muitos trabalhadores nem sequer tinham uma ideologia definida, também é ilusório pensar que todos tinham uma consciência de classe almejando o fim do sistema burguês. No entanto, não é possível ignorar a organização e ação de muitos trabalhadores e militantes em torno de visões de mundo, que eram de fato expressivas.

Embora, diversas vezes, esquecidos ou considerados “sem propostas eficazes” por historiadores<sup>3</sup> e outros políticos, a presença de uma ação militante dentro do movimento operário em São Paulo e em outras cidades no Brasil foi bastante complexa e detinha uma força de contestação muito forte e complexa.

Como um exemplo notável, na segunda década do século XX em São Paulo, houve a greve geral de 1917. Acontecimentos marcantes como passeatas, prisões e a morte de trabalhadores como o do anarquista espanhol José Martinez fizeram com que muitas vezes as ruas da cidade fossem tomadas com muitos adeptos nas reivindicações. Tais eventos

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal de São Paulo.

<sup>2</sup> De acordo com a linha de raciocínio de Pinheiro e Hall (1985. p. 96-120).

<sup>3</sup> Boris Fausto (1977) aponta a debilidade do movimento operário e seu fracasso político em seu primeiro momento. Para o autor, tal fato provinha da posição secundária da indústria, da exclusão dos trabalhadores da política e do movimento anarquista que se baseava em críticas morais e não propunha táticas avançadas de alianças, contribuindo para o isolamento do proletariado estrangeiro e aumentando o poder das classes dominantes no período.

mostram a força da organização política e sindical nos centros industriais do Brasil nesse período, e portanto a consideramos digna de atenção detida.

Há quem afirme que tal greve não passou de um acontecimento espontâneo devido às péssimas condições de trabalho e de moradia entre os trabalhadores nesse período, somado à incerteza que a Primeira Guerra trazia às pessoas.

O argumento e a análise das condições materiais existentes não podem ser refutadas para entender o movimento operário e a referida greve. Os próprios militantes do período usavam tal argumento para dar tom aos seus discursos (BIONDI, 2000, p.250-310). Porém, somado a isso, a análise de periódicos, comícios e discursos dos militantes e trabalhadores revela claramente uma articulação iniciada no começo do século para a realização de tal acontecimento. Christina Lopreato parece assertiva em sua obra “O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917” onde afirma categoricamente que a referida greve construída em seus detalhes revela a “presença de uma estratégia política em ação desde o início do século e fortemente enraizada no interior do nascente movimento operário” (LOPREATO, 2000, p.13).

Um aspecto em destaque é o fato que muitos periódicos operários de circulação na cidade mostravam apoio e táticas para a greve. Nesse evento, muitos militantes de orientação anarquista mostravam uma participação decisiva, escrevendo e organizando periódicos, participando de comícios e piquetes, tentando atrair os trabalhadores para a ação direta.

Entre as mais importantes formas de manifestação de ideias anarquistas nesse período esteve a ação nos meios sindicais. Embora muito criticada por alguns militantes e periódicos anarquistas, especialmente o periódico *La Battaglia*, a participação sindical e a ação direta estiveram entre os principais meios de manifestação anarquista. Alguns anarquistas criticavam a ação sindical por reivindicar apenas melhorias de vida dentro do sistema capitalista (reformismo) e ofuscar a revolução almejada. Outros anarquistas, no entanto, enxergavam o sindicalismo como arma eficiente para a formação política libertária dos trabalhadores, e adentravam nestes como uma tática para disseminar tal ideologia (SAMIS, 2009).

Periódicos anarquistas apoiavam e articulavam greves e piquetes dentro do operariado de São Paulo. Dessa maneira, apesar das diferenças estratégicas, os militantes se uniam tendo como fio condutor a propaganda política para as massas e o incentivo à

ação direta. A educação se torna um dos elementos principais entre estes. O objetivo comum era uma sociedade livre da Igreja, do capitalismo e do Estado (em todos os níveis) tendo em vista o autodidatismo e ação direta construindo uma sociedade igualitária e moralmente autossuficiente.

De fato, desde o final do século XIX, o Brasil começava a receber os primeiros imigrantes anarquistas que deixariam traços profundos no movimento operário. Entre eles estavam o português Neno Vasco, os italianos Oresti Ristori, Giulio Soreli, Gigi Damiani, Luigi Magrassi, Angelo Bandoni e também outros nascidos no país como Benjamin Mota. Tais militantes participaram ativamente, denunciando a exploração da mão de obra imigrante nas fábricas e fazendas e incentivando a organização e a ação direta. A partir de 1900, a organização operária começa a se solidificar, apresentando as primeiras ligas operárias, greves e manifestações. Nesse período em São Paulo, uma série de novos periódicos libertários começam a circular pela cidade como *O Grito do Povo*, *Palestra Social*, *A Lanterna*, *Germinal*, *La Nuova Gente*, *O Amigo do Povo*, *O Livre Pensador*, *L'Asino*, *La Battaglia*, *Azione Anarchica*, e outros títulos que adentravam no movimento operário a fim de estabelecer uma propaganda de libertação tanto econômica quanto moral ou mesmo para a melhoria das condições existentes (TOLEDO, 1994).

As perseguições policiais são um fator importante para entender a grande influência de tais periódicos. Os constantes empastelamentos e perseguições a militantes desde o final do século XIX e reforçados no período das greves, revelam o medo das classes altas do período do efeito da propaganda libertária no movimento operário (SILVA, 2006).

Outra importante evidência da grande circulação que estes periódicos tinham entre o operariado, podemos destacar a própria quantidade de impressões. *O Palestra Social*, por exemplo, publicado entre 1900 e 1901, ofereceu uma tiragem de 1.200 exemplares nestes anos, e também o periódico *La Battaglia*, fundado em 1904, que ofereceu uma tiragem de 5.000 exemplares (LEAL, 1999).

Importante força de ação no período foi a criação das primeiras ligas operárias de bairro, na Moóca, no Belenzinho, no Cambuci e na Lapa. Estas tinham como objetivo unir trabalhadores em movimentos de combate e de protesto contra a péssima qualidade de vida e em favor do melhoramento das condições de trabalho bem como a redução para uma jornada de 8 horas, pagamento semanal, a abolição do trabalho infantil e igualdade dos salários de homens e mulheres. Porém, a longo prazo, muitas dessas associações almejavam derrubar o sistema político, moral e econômico do período (LOPREATO, 2000).

Várias greves desse período foram marcantes, como a de 1906 em Jundiaí sob a orientação da Federação Operária de São Paulo, ainda em fase de consolidação, que foi duramente reprimida e derrotada. Novamente em 1913 os trabalhadores contestaram a carestia de vida e em 1914 manifestaram-se contra o desemprego. Após isso, no período posterior, em 1917, a Primeira Guerra Mundial estimulou a procura de matérias-primas resultando na elevação dos preços nos gêneros alimentícios. Esse fator somado a uma nova onda de desemprego e da conhecida convivência entre os operários em péssimas condições de moradia e trabalho resultaram em mais greves e reivindicações pela cidade (DULLES, 1977).

Levando em consideração tais afirmações, era clara, mesmo dentro do próprio período e entre muitos militantes, a necessidade da criação de um periódico que suprisse as necessidades práticas desse momento que parecia decisivo e preciso na luta contra os detentores do capital. Sabendo disso, em junho de 1917, o militante anarquista Edgard Leuenroth, após um longo trabalho em inúmeros periódicos, publica estrategicamente o primeiro número de *A Plebe* em substituição de *A Lanterna*.<sup>4</sup> Neste número, fica claro o intuito do periódico, enxergando as greves do período como resultado de anos de propaganda, e um ponto claro de organização entre os trabalhadores:

Vai dando os seus resultados benéficos o trabalho de metodização do movimento libertário que há algum tempo se vem executando em São Paulo, no interior e em outros pontos do Brasil. Com grande satisfação constatamos isso, pois é uma obra cuja necessidade há muitos anos se fazia sentir.

A nossa propaganda vai, talvez, para mais de duas décadas que aqui se faz, com alguma intermitência, seguida, de quando em quando, de agitações populares ou de movimentos obreiros; até agora, porém, não se havia tentado dar corpo a esse movimento, coordenando os esforços, organizando os elementos dispersos aqui e ali, privados dos bons resultados consequentes da ação conjunta.

Esse é o trabalho que agora se esta tratando de levar a cabo, já se tendo a prova de que, com esforço e perseverança, bastante se poderá conseguir nesse sentido [...] E o que mais constitui motivo de animação é o apoio que vai recebendo, embora lentamente, como é natural, devido às causas acima expostas, a *Alliança Anarchista*, constituída, não há muito tempo, em São Paulo, com o fim de servir de traço de união entre as nossas diversas agrupações e os camaradas dispersos por ali além. São bons sintomas de um necessário e urgente despertar. Entretanto, muito mais se poderá conseguir, se todos os libertários que são bastante numerosos, se

---

<sup>4</sup> Periódico fundado em 1901 por Benjamim Mota, advogado e militante anarquista. Por meio deste atacava a igreja e seus associados, um dos pilares da desigualdade na visão dos anarquistas. Em 1909, Leuenroth passa a dirigir tal jornal.

dispuserem a fazer algo, e desenvolver um pouco mais de atividade. (LEUENROTH.. A Plebe. 9 de junho de 1917.)

Daí em diante, *A Plebe* assumiu, muitas vezes, o debate e a articulação central de tais greves e acontecimentos. O periódico foi fruto da própria agitação de 1917, que necessitava de um ponto claro de articulação e definição da situação.

O periódico contava com um tipo de estratégia fundamental, os redatores usavam como tática de propaganda, colunas com notícias do movimento operário de forma neutra, mas sem deixar de apresentar no mesmo número, muitas vezes, a teoria anarquista para organizar tais eventos e guiar a revolução almejada. Tal estratégia era resultado da própria teoria anarquista que não almejava alcançar apenas libertários, antes o projeto internacional destes era unir todos os trabalhadores, contra o sistema capitalista, considerado exploratório. Além disso, o periódico era fruto de uma realidade concreta e de uma articulação entre os redatores experientes e assíduos no movimento operário de São Paulo. No trecho extraído a seguir, o periódico no artigo “O proletariado” evidencia novamente a força e a importância da organização entre os trabalhadores em todo o Brasil:

O clarim da liberdade ressoa por toda a parte chamando a postos os defensores da causa libertaria, da causa do povo. Do norte ao sul do Brasil, o movimento operário esta em plena atividade, cresce o número de sindicatos e associações de classe, bem como o número de aderentes. São frutos das ultimas agitações.

[...] Proletários! Uni-vos, agrupai-vos todos sob a mesma bandeira, certos de que a união vos dará a força e a vitória com a qual podereis quebrar para sempre a grilheta da miséria que nos escraviza (VIEIRA DE SOUZA. “O proletariado”. A Plebe. 11 de agosto de 1917.).<sup>5</sup>

Se tal trecho fosse isolado, sem o conhecimento prévio de que se trata de um jornal anarquista, muitos concluiriam que as palavras expostas a seguir fariam parte de qualquer periódico operário ou até mesmo de qualquer livro de doutrinação socialista. Na verdade tal interpretação é um erro crônico que insiste em separar o movimento anarquista da história do Socialismo<sup>6</sup>, ignorando que estes também, muitas vezes, inclusive no período, se consideravam parte das lutas concretas do movimento operário (SCHMIDT; VAN DER WALT, 2009) como a própria fonte deixa evidente. Ou seja, não se trata de um erro dentro do jornal, desvio ideológico dos redatores ou da falta de um projeto político, antes faz parte de uma propaganda e estratégia política entre os redatores a fim de despertar o anseio de liberdade entre os trabalhadores em geral.

---

<sup>5</sup> Vieira de Souza. “O proletariado”. A Plebe. N.9 P.2. 11 de agosto de 1917.

<sup>6</sup> O historiador Hobsbawn (2003), por exemplo, deixou clara sua posição afirmando que o movimento anarquista nada acrescentou nas lutas socialistas.

Podemos concluir também que o tipo de associação sindical que *A Plebe* propunha, não era o anarcossindicalismo ou uma associação somente composta por libertários, mas apresentava a tática do sindicalismo de orientação revolucionária (SAMIS, 2009). Ou seja, que priorizava e julgava mais eficaz a união de diferentes orientações ideológicas e políticas para a construção de uma força operária. Além disso, seria mais benéfico do ponto de vista estratégico para esses redatores e militantes uma propaganda maior e mais consistente de sua concepção e ideologia revolucionária entre os trabalhadores, almejando trazê-los para a ação direta (VENZA, 2004).

Não está sendo afirmado que houve uma recusa ideológica por parte dos redatores, o fato que quero colocar aqui, é que os anarquistas em *A Plebe* não estavam isolados da luta do período e nem faziam por onde, ao contrário, sua escolha pelo sindicalismo revolucionário estava sendo usada como estratégia entre os libertários em nível internacional, como impulsionada por Bakunin desde a Primeira Internacional e proposta por Malatesta<sup>7</sup>, um “anarquismo de massas”. O tom das colunas, às vezes “imparcial”, revela uma tática de militância que tinha como objetivo uma maneira assertiva para adentrar no movimento operário.

Nesse caso, acompanhando a trajetória de Edgard Leuenroth é notório que o militante sempre esteve em meio às pautas dos trabalhadores e ao mesmo tempo havia trabalhado com importantes militantes anarquistas como Benjamin Mota, Neno Vasco, Gigi Damiani. Assim obteve um bom contato com essa ideologia perceptível desde os primeiros periódicos com que estava envolvido. Com efeito, tinha consciência empírica tanto dos problemas dos trabalhadores e suas pautas de reivindicações quanto das propostas dos anarquistas naquele momento (KHOURY, 1988).

Outro importante ativista foi Gregório Nazianzeno de Vasconcelos (nome verdadeiro de Neno Vasco) que nasceu em Portugal em 1878 e com oito anos de idade vem para São Paulo com sua família. Volta para seu país de origem para concluir seus estudos em bacharel em direito. Após isso, em 1900, começa a se envolver com atividades militantes denunciando as arbitrariedades da polícia e a escrever em periódicos republicanos. Mas é

---

<sup>7</sup> Os autores Schmidt e Van der Walt (2009) atentam para o fato que o verdadeiro embate estratégico dos anarquistas não era entre anarcossindicalismo e anarco-comunismo. Mas “anarquismo de massas”, que proporia táticas para a aproximação do anarquismo entre a classe trabalhadora vislumbrando uma insurreição efetiva tendo o sindicalismo revolucionário como principal instrumento. E de outro lado, o “anarquismo insurrecionalista” que desconfiaria da aproximação exacerbada com os sindicatos e acreditaria na propaganda pelo fato como método revolucionário.

com sua volta a São Paulo em 1901 que tem contato com militantes anarquistas e com a obra de Errico Malatesta. Daí em diante, Vasco passa a apoiar o sindicalismo como tática importante entre os anarquistas para a construção de uma nova ordem. Para ele, era um erro separar o anarquismo do movimento operário bem como tentar dissociar a união dos dois movimentos. Vasco escreve em sua obra:

Se procurarmos, não as origens filosóficas do ideal anarquista, nem a filiação do sentimento libertário nas revoltas e aspirações populares do passado – porque isso perde-se vagamente na noite dos tempos – mas sim no aparecimento dum movimento anarquista definido, do anarquismo operário com todas as características essenciais que tem hoje, vamos encontrá-lo sindicalista antes do termo, no seio da Internacional e das associações internacionais que Bakunin foi o principal inspirador, fundindo e vivificando as ideias marxistas com o pensamento de Proudhon e dos socialistas franceses (VASCO, 1984, p.75).

Como tática indispensável e historicamente situada, o anarquismo deveria se associar com os trabalhadores a fim de conscientizá-los para a libertação deles próprios e de toda massa contra o sistema opressor. Vasco continua:

Para alcançar essa organização social, (como qualquer outro fim já realizado ou a realizar), é indispensável uma ativa e grande obra de propaganda e organização. Nela estamos empenhados. Como para todos os partidos que têm um ideal a realizar, os nossos inimigos são a ignorância das massas, a sua destruição é a força material da burguesia constituída em Estado (com ou sem aparência popular) (VASCO, 1984, p.75).

Visando a propaganda libertária, Vasco participou da edição do periódico *O Amigo do Povo* em 1902 onde teve importante destaque. Tal periódico foi um dos mais importantes jornais anarquistas de então, e que abria uma discussão com o movimento operário influenciando e participando de muitas reivindicações do período.

Realmente, a tática de Neno Vasco e Leuenroth de inculcar o anarquismo entre os trabalhadores, o foi a principal corrente entre os militantes anarquistas do período. Mas podemos destacar também que era comum entre os anarquistas em geral acreditarem que uma educação em bases racionalistas para toda a população traria uma atitude revolucionária a estes. Por isso, a propaganda para a reflexão racionalista deveria inculcar em todos uma nova moral, com a qual o clericalismo e a religião fossem extirpados, bem como inculcar o racionalismo em detrimento da ignorância das massas existente devido, na interpretação dos anarquistas, ao próprio sistema exploratório e alienador do capitalismo (TOLEDO, 1994, p.130-149).

As escolas racionalistas, criadas nessa forma, estavam sendo pauta da discussão de anarquistas no Brasil desde o começo do século XX e já tinham sido apoiadas por importantes periódicos como *A Lanterna*.

Um dos principais representantes dessas questões era João Penteadado. Tal militante foi um dos principais pedagogos libertários em São Paulo. Mudou-se para a capital em 1912 onde se aproximou dos círculos anarquistas, tendo contato com importantes militantes como Leuenroth e Florentino de Carvalho. Com estes, fundou a primeira Escola Moderna em solo brasileiro no bairro paulistano do Belenzinho. Desde sua fundação, a Escola Moderna nº 1 teria Penteadado como seu diretor e professor, escolhido em Maio de 1912. A partir daí foi modelo e inspiração para outras escolas racionalistas em São Paulo (LENA JR, 1999, p.10-28).

Importante participação tiveram as mulheres na militância do período. Uma delas, Isabel Cerruti participou intensamente nas publicações deste bem como nas greves do período. Imigrante, provavelmente italiana, veio ao Brasil nos seus primeiros anos de vida e desde a adolescência já se aproximava dos temas libertários. Proferiu conferências, falava em comícios públicos e fez parte da *Liga Feminina Internacional* e do *Centro Educativo Feminino*. Embora sempre defendendo a posição da mulher, acreditava que a libertação deveria ser total e humana e portanto via os homens libertários como aliados em sua luta (DIAS, 2002, p.27).

Sendo visivelmente uma militante anarquista, Isabel não defendia governos políticos, liberais ou mesmo socialistas autoritários. Mostrava o anseio de libertação em todos os níveis. Criticar políticos e incentivar os trabalhadores a desacreditarem nas eleições foi uma das principais contribuições de Isa Rutti:

Alerta, proletários! Não vos deixeis iludir pelos longos, intermináveis e saporíficos discursos do candidato crônico à presidência da República.

Ruy não é, nunca foi amigo dos humildes, dos trabalhadores que lutam e sofrem em troca de um miserável pedaço de pão.[...] Para ele, a questão social se resume em meia dúzia de leis, que não seriam cumpridas e no direito que continuariam a ter os governantes de esmagar com o chanfallo policial ou sob as patas dos cavalos, as reivindicações dos explorados, de todos que só vivem do trabalho dos seus braços (Isa Rutti. A Plebe. 29 de março de 1919).

Com essas evidências, podemos observar a intensa e complexa militância que muitos personagens, exerceram durante o período das manifestações de 1917 em São Paulo, seja combatendo diversas forças dominadoras mas também construindo uma cultura e identidade política com propostas que almejavam mudar a realidade presente. Mais do



que uma reação espontânea, as manifestações do período contavam com a presença de uma articulação política (socialista e autogestionária) intensa que adentrava desde os meios sindicais até nas propostas educativas e culturais.

### Referências bibliográficas.

BIONDI, Luigi. “A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas”. *Cadernos AEL. Imigração*. Campinas-SP: Unicamp, 2000.

DEMNICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *História do Anarquismo no Brasil (volume um)*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.

DIAS, Mabel. *Mulheres anarquistas: o resgate de uma historia pouco contada*. João Pessoa: Imprensa Marginal, 2002

DULLES, John W Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo: Difel, 1977.

HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo. “Alargando a História da Classe Operária: Organização, Lutas e Controle.” *Coleção Remate de Males*. n 5, 1985. P. 96-120.

HOBBSAWN, E.J. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth: *Uma voz libertária imprensa, memória e militância anarcossindicalista*. São Paulo: USP, 1988. Tese (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Tese de Mestrado. São Paulo- Campinas: Unicamp 1999.

LENA JR, Hélio de. *Astrojildo Pereira: um intransigente libertário (1917–1922)*. Dissertação de mestrado. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 1999.

LOPREATO, Christina Roquette. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

SAMIS, Alexandre. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro. Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em Dois Mundos*. Lisboa: Letra Livre, 2009.

SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien van der. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009.

SILVA, Rodrigo Rosa da. “As ideias como delito: a imprensa anarquista no registro do DEOPS-SP (1930-1945).” IN: DEMNICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *História do Anarquismo no Brasil (volume um)*. p. 113-132.

TOLEDO, Edilene. *Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Tese de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.

VASCO, Neno. *Concepção anarquista do sindicalismo*. Edições afrontamento, 1984.

VENZA, Claudio. “O Anarco-Sindicalismo Italiano Durante o “Biennio Rosso” (1919-1920)”. IN: *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004

### **Fontes secundárias**

#### **Periódicos lidos (Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP):**

- *A Plebe*. São Paulo. Ed. Edgard Leuenroth. 1917-1920.

- *Guerra Sociale*. São Paulo. Ed. Angêlo Bandoni. 1916-17.